

A múmia ptolemaica do Museu Nacional de Arqueologia, memória do Museu de História Natural do Marquês de Angeja

Natália Correia Guedes*

Resumo

O Museu de História Natural, que o Marquês de Angeja organizou no último quartel do século XVIII, em Lisboa, constituiu, só por si, uma iniciativa pioneira que justificou uma visita oficial, em 1782, do Director da Real Biblioteca de Madrid.

Os dois projectos de arquitectura, especialmente concebidos para as novas instalações daquele museu e que neste artigo se divulgam, são raros, não só em Portugal como na Europa onde estas instituições, quer a nível oficial, quer privado, utilizavam habitualmente edifícios antigos, sem os requisitos adequados à boa conservação e aos objectivos pedagógicos que os justificavam.

Résumé

Le Musée d'Histoire Naturel organisé à la fin du XVIII^e siècle par le Marquis d'Angeja, à Lisbonne, constitue une entreprise qui a justifiée la visite officiel du Directeur de la Bibliothèque Royal de Madrid, en 1782. Dans cet article sont présentés les deux projets d'architecture qui ont été conçus pour ce Musée.

* Universidade Lusíada.

the following words were written on the back of the card:

1. *W. J. G. H.*

2. *W. J. G. H.*

3. *W. J. G. H.*

4. *W. J. G. H.*

5. *W. J. G. H.*

6. *W. J. G. H.*

7. *W. J. G. H.*

8. *W. J. G. H.*

9. *W. J. G. H.*

10. *W. J. G. H.*

11. *W. J. G. H.*

12. *W. J. G. H.*

13. *W. J. G. H.*

14. *W. J. G. H.*

15. *W. J. G. H.*

16. *W. J. G. H.*

17. *W. J. G. H.*

18. *W. J. G. H.*

19. *W. J. G. H.*

20. *W. J. G. H.*

21. *W. J. G. H.*

22. *W. J. G. H.*

23. *W. J. G. H.*

24. *W. J. G. H.*

25. *W. J. G. H.*

26. *W. J. G. H.*

27. *W. J. G. H.*

28. *W. J. G. H.*

29. *W. J. G. H.*

30. *W. J. G. H.*

31. *W. J. G. H.*

32. *W. J. G. H.*

33. *W. J. G. H.*

34. *W. J. G. H.*

35. *W. J. G. H.*

36. *W. J. G. H.*

37. *W. J. G. H.*

38. *W. J. G. H.*

39. *W. J. G. H.*

40. *W. J. G. H.*

41. *W. J. G. H.*

42. *W. J. G. H.*

43. *W. J. G. H.*

44. *W. J. G. H.*

45. *W. J. G. H.*

46. *W. J. G. H.*

47. *W. J. G. H.*

48. *W. J. G. H.*

49. *W. J. G. H.*

50. *W. J. G. H.*

51. *W. J. G. H.*

52. *W. J. G. H.*

53. *W. J. G. H.*

54. *W. J. G. H.*

55. *W. J. G. H.*

56. *W. J. G. H.*

57. *W. J. G. H.*

58. *W. J. G. H.*

59. *W. J. G. H.*

60. *W. J. G. H.*

61. *W. J. G. H.*

62. *W. J. G. H.*

63. *W. J. G. H.*

64. *W. J. G. H.*

65. *W. J. G. H.*

66. *W. J. G. H.*

67. *W. J. G. H.*

68. *W. J. G. H.*

69. *W. J. G. H.*

70. *W. J. G. H.*

71. *W. J. G. H.*

72. *W. J. G. H.*

73. *W. J. G. H.*

74. *W. J. G. H.*

75. *W. J. G. H.*

76. *W. J. G. H.*

77. *W. J. G. H.*

78. *W. J. G. H.*

79. *W. J. G. H.*

80. *W. J. G. H.*

81. *W. J. G. H.*

82. *W. J. G. H.*

83. *W. J. G. H.*

84. *W. J. G. H.*

85. *W. J. G. H.*

86. *W. J. G. H.*

87. *W. J. G. H.*

88. *W. J. G. H.*

89. *W. J. G. H.*

90. *W. J. G. H.*

91. *W. J. G. H.*

92. *W. J. G. H.*

93. *W. J. G. H.*

94. *W. J. G. H.*

95. *W. J. G. H.*

96. *W. J. G. H.*

97. *W. J. G. H.*

98. *W. J. G. H.*

99. *W. J. G. H.*

100. *W. J. G. H.*



Em 1782, o director da Real Biblioteca de Madrid, D. Francisco Perez Bayer, visitou, a convite do Marquês de Angeja, a sua biblioteca e a coleção privada de obras de arte. Em carta que escreveu a um amigo destaca, entre as diversas preciosidades, uma múmia egípcia, “com muitas letras ou hieróglifos” como até então nunca tinha visto nenhuma tão bem conservada.

Passaram 115 anos e, desta coleção notável, apenas duas peças subsistem identificáveis como tal: a múmia e um caderno de plantas com dois projectos para um Museu de História Natural, que a iria receber.

Desfeita a casa nobre, disperso o espólio, quis o destino que a múmia fosse parar ao Museu Nacional de Arqueologia.

No espólio mundial de múmias egípcias, ela será uma entre centenas; no nosso País, é raridade acrescida, pelo facto de ter influenciado na decisão do Marquês em construir um Museu de História Natural, para o qual encomendou os dois referidos projectos. A múmia torna-se, deste modo, peça chave na história da museologia portuguesa. Na realidade, aqueles são dos primeiros e raros projectos concebidos propositadamente para um museu, anteriormente ao séc. XX. Até ao nosso século, era nos Paços régios, nos mosteiros, nas salas solarengas ou nas catedrais que se constituíam as coleções, sem que outras exigências, pedagógicas e técnicas, determinassem a construção de um edifício, exclusivamente projectado para aquela finalidade.

À múmia foi dedicado um estudo pormenorizado pelo egiptólogo Luís Manuel de Araújo. Analisemos o que nos transmitem os dois projectos de museu.

1. O Museu do 3.º Marquês de Angeja, no Palácio da Junqueira

A personalidade de D. Pedro de Noronha, 3.º Marquês de Angeja¹, descendente de vice-reis da Índia, governadores do Brasil e embaixadores de Portugal

¹ De seu nome completo, Pedro José de Noronha e Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, 1716-1788.

em várias cortes da Europa, foi marcante nas artes e nas ciências da 2^a metade do século XVIII.



Fig. 1 – Retrato do 3.^º Marquês de Angeja, D. Pedro José de Noronha. Gravura, Gaspar Fróis Machado, 1790 (MNA). Fotografia do Arquivo Nacional de Fotografia.

O ambiente familiar da sua Casa incutiu-lhe o gosto pela erudição, consolidada pela experiência e oportunidades proporcionadas pelos sucessivos altos

cargos que ocupou, de que se destacam o de presidente do Erário Régio, gentil homem da câmara de D. Maria I e primeiro-ministro.

Reuniu uma colecção histórica de tal modo significativa que Perez Bayer, director da Real Biblioteca de Madrid, a considerou "seguramente cosa mui grande" (doc. 1). Em carta datada de 1782, descreve-nos a visita ao palácio da Junqueira (Lamas, 1922), residência habitual do Marquês, onde estava a sua colecção; antecedida de uma biblioteca de História e de Direito e de uma pequena pinacoteca, o Museu iniciava-se com uma colecção de cerâmica e de porcelana, logo seguida de mais três salas com espécies de história natural, englobando representações dos três "Reinos" animal, vegetal e mineral. Artefactos indígenas de vários continentes completavam o conjunto a que não faltava uma múmia egípcia.



Fig. 2 – Palácio do Marquês de Angeja, na Rua da Junqueira, em Lisboa.

A colecção de medalhas é posta em relevo por Perez Bayer; compunha-se, diz-nos, "por muitissimas medalhas de ouro e prata e de medalhões"; naquele mesmo ano, o Marquês convidara Frei João de Sousa para as estudar com especial destaque para as medalhas arábicas (doc. 2).

Outra referência elogiosa a este conjunto de obras de arte e de espécies naturais é-nos transmitida por um médico da Universidade de Coimbra, José Cunha Pessoa que, na "Dedicatória" do livro "*Analyse das Aguas Thermaes das Caldas da Rainha*" (1778), atribui ao Marquês um papel decisivo no avanço das ciências em Portugal (doc. 3).

Em 16 de Janeiro de 1780, o marquês de Angeja é eleito para a Academia Real das Ciências; não será despiciendo atribuir-lhe grande parte do mérito da publicação *"Breves Instruções aos Correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as Remessas dos Produtos e Noticia Pertencentes à História da Natureza para Formar um Museo Nacional"* (1781).

Protector de artistas, no período áureo em que tantos bolseiros portugueses em Roma se distinguiram, o seu retrato aparece-nos gravado precisamente por um destes, Gaspar Fróis Machado (Machado, 1823, p. 286 e 306). Sentado na sua biblioteca, com ar pensativo, apoia a face na mão esquerda, tendo o braço sobre um livro, assente numa pequena mesa em que se distinguem diversas conchas e raízes; na mão direita segura um ramo florido. Em segundo plano, um cortinado apanhado com borla, deixa, entrever um quadro com borboletas de asas abertas.

A notabilidade do Museu é mencionada juntamente com o Jardim Botânico a partir de 1787 e até 1820, ininterruptamente, no *Almanach de Lisboa*, impresso na Oficina da Academia Real das Ciências.

2. Os projectos de Museu de História Natural para a Quinta do Lumiar

A excelência e amplidão das colecções justificaram a preocupação do Marquês em lhes proporcionar condições de conservação e acessibilidade em local apropriado. Já Perez Bayer, em 1782, referia a escassez de espaço para o Museu na Junqueira: "está todo embutido que no luce tanto como pudiera en una pieza más capaz".

Assim, encomendou expressamente dois projectos de edifício, a construir na sua quinta do Lumiar, junto ao palácio ali existente². Não pôde ver os seus projectos realizados, porque cedo a morte o vitimou; no entanto, abriu na nossa história da museologia um dos raros precedentes de modernidade aliada a um profundo espírito científico.

Aqueles projectos, contemporâneos do projecto para o Museu de História Natural da Universidade de Coimbra, podem considerar-se dos primeiros a ser realizados em Portugal com o objectivo expresso de instalação de um museu.

Um Museu de História Natural entendia-se, à época, reunia "as colleçōens dos produtos dos trez Reynos da Natureza preparadas e ordenadas", segundo Agostinho Vidigal nos esclarece no seu "Methodo de fazer observaçōens e exames", que lhe fora encomendado por Domingos Vandelli (doc. 4).

O edifício próprio para estes produtos, diz-nos o citado documento, devia ser "de pedra e cal, os pavimentos de lages, os tectos de abóboda e casas espaçosas, que tenhām porem mais comprimento que largura, as janelas, as quais devem ser muitas, hão-de olhar para o Norte da maneira que ficando as salas bastante claras não estejam sujeitas demasiado ao ardor do sol".

Gabinetes de História Natural haveria apenas, além do gabinete do Marquês, cinco em Lisboa – no Paço da Ajuda, na Academia das Ciências, o do P.^r José Mayne, o de Francisco Sampaio e o de Jorge Reis; em Évora, o do Cónego Mello; em Beja, o do Bispo Frei Manuel do Cenáculo; e, em Coimbra, o da Universidade (Ribeiro, 1872; Franco, 1983).

² Onde está actualmente instalado o Museu Nacional do Traje.

Domingos Vandelli, autor de vasta bibliografia científica e lente de História Natural em Coimbra, resume, no seu *Dicionário de Termos Técnicos* (1788), os objectivos destes estudos: “Não consiste pois o estudo de História Natural, na simples nomenclatura; mas nas observações e nas experiências para conhecer as relações, a ordem da natureza, sua economia, polícia e formação da terra e revoluções que sofreu e enfim as utilidades que se podem tirar das produções naturais além das conhecidas”.

Analisemos os dois projectos de museu, até hoje inéditos, encomendados pelo Marquês de Angeja (doc. 5).

O caderno, datável entre 1782-85, é constituído por doze folhas de papel, sem marca de água, com esquadria a tinta preta, sem paginação, tendo sempre no pé da página uma escala de 100 palmos. As construções existentes (palácio e anexos, muros de suporte de jardim) estão aguadas a vermelho ou rosa, enquanto as projectadas estão a amarelo.

Apresentam-se, no referido caderno, dois projectos alternativos para uma construção anexa ao Palácio do Marquês de Angeja, ao Lumiar, implantado junto da cocheira, prevendo-se que a fachada nobre ficasse virada a Norte, para o jardim, comunicando com este directamente através de escadaria.

O primeiro projecto (folhas 2 a 7) é composto por duas plantas em “U”, correspondentes ao primeiro e segundo pavimentos, desenvolvidos em torno de um elemento central octogonal, três alçados, respectivamente Norte, Nascente e Sul, e um corte (figs. 3 a 9). Um lago, colocado entre canteiros assimétricos, também de formato octogonal, faz o contraponto exterior entre os dois braços do “U”, apenas no rés-do-chão.

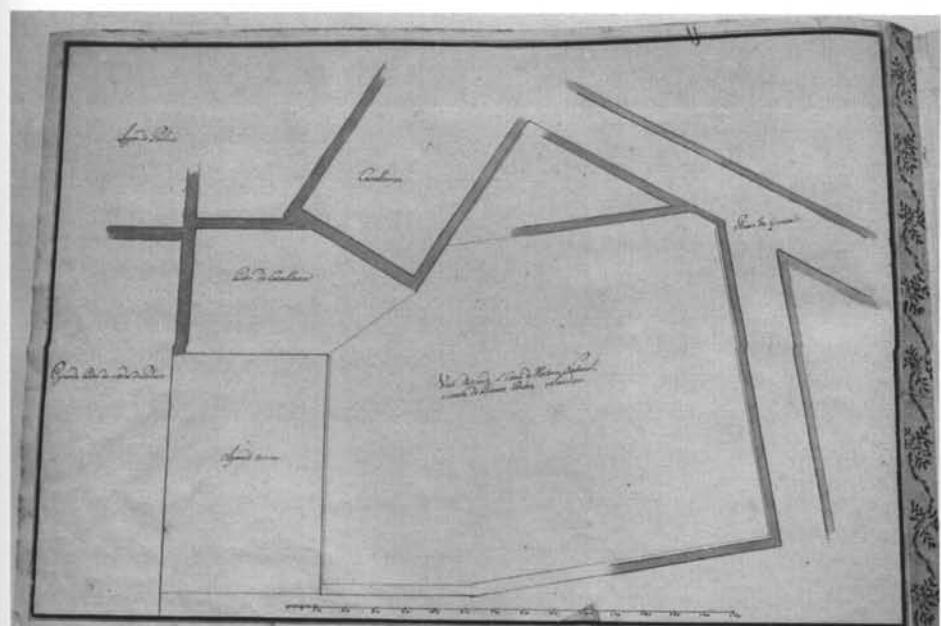


Fig. 3 – 1.º Projecto: “1. Lugar do Palácio”.

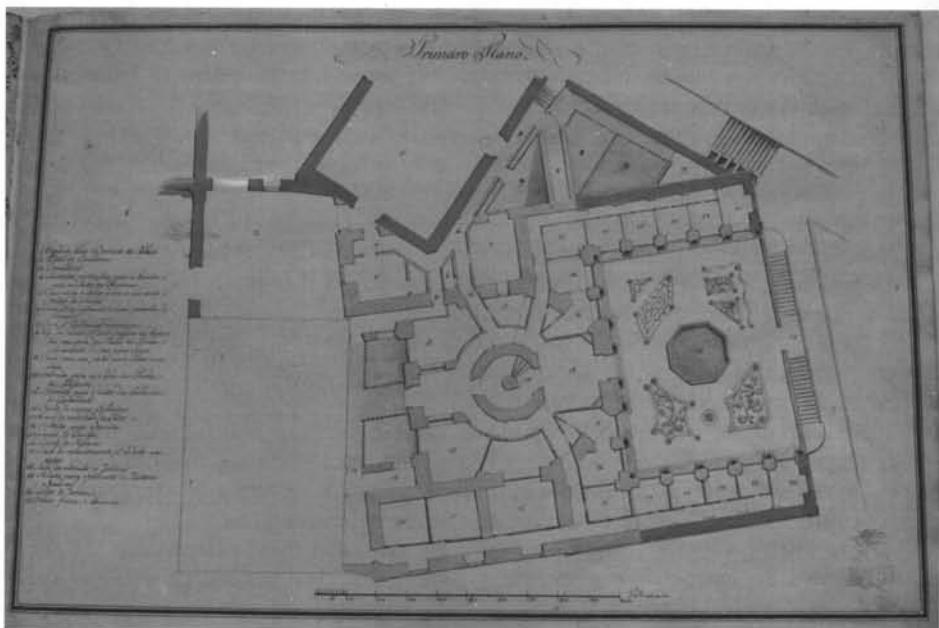


Fig. 4 – 1.º Projecto: "2. Primeiro Plano".

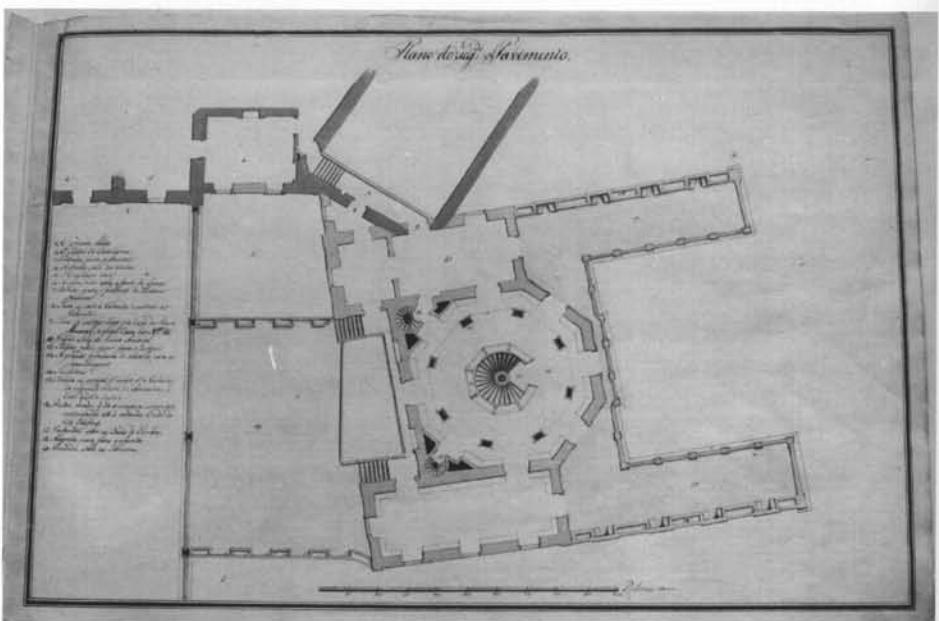


Fig. 5 – 1.º Projecto: "3. Plano do seg.º Pavimento".

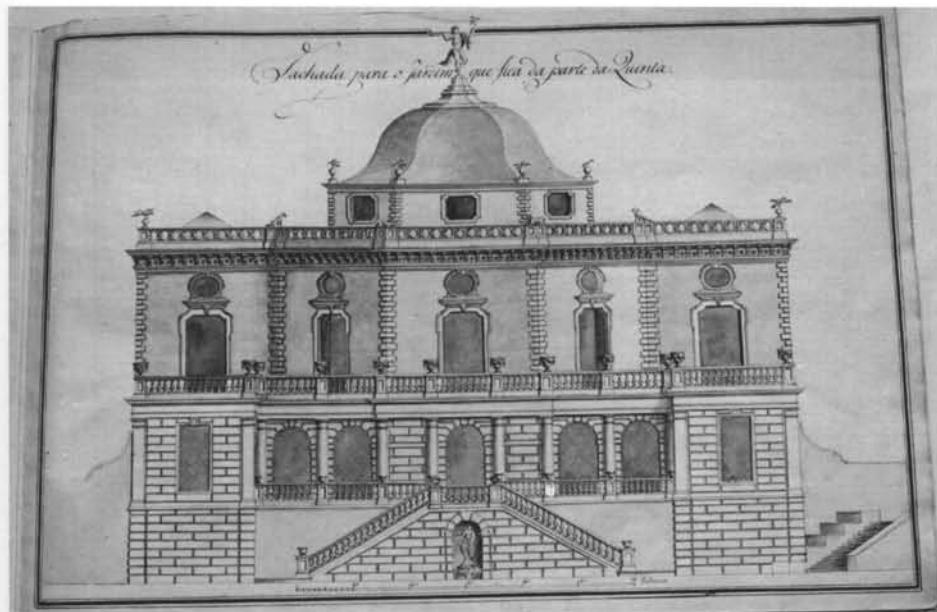


Fig. 6 – 1.º Projecto: “4. Fachada para o jardim que fica da parte da Quinta”.

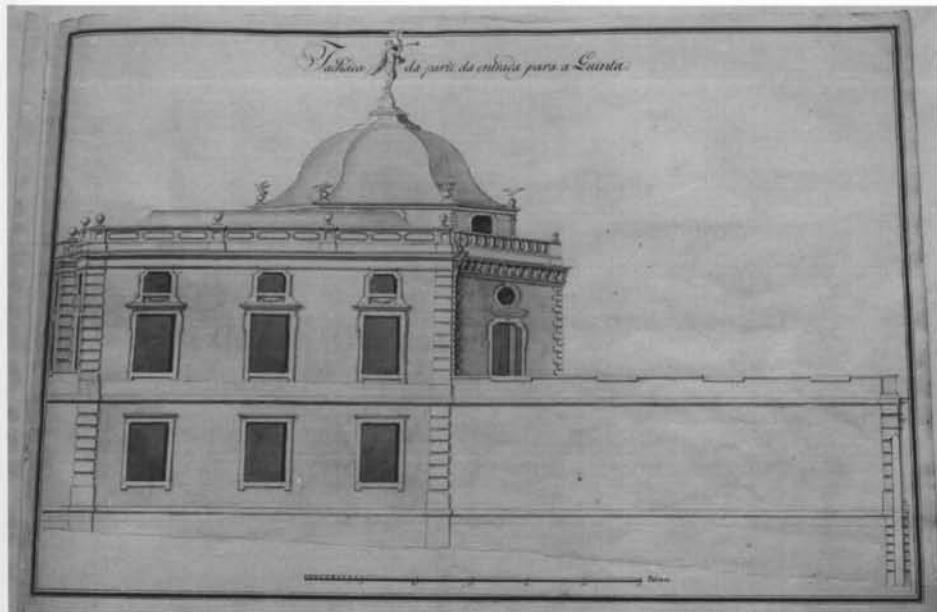


Fig. 7 – 1.º Projecto: “5. Fachada da parte da entrada para a Quinta”.

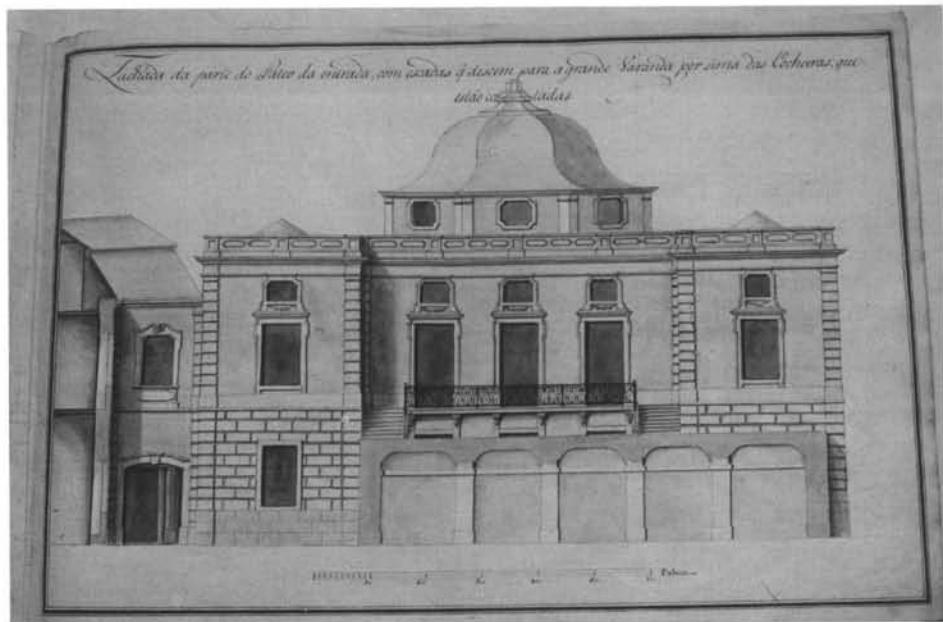


Fig. 8 – 1.^º Projecto: "6. Fachada da parte do Pateo da entrada".

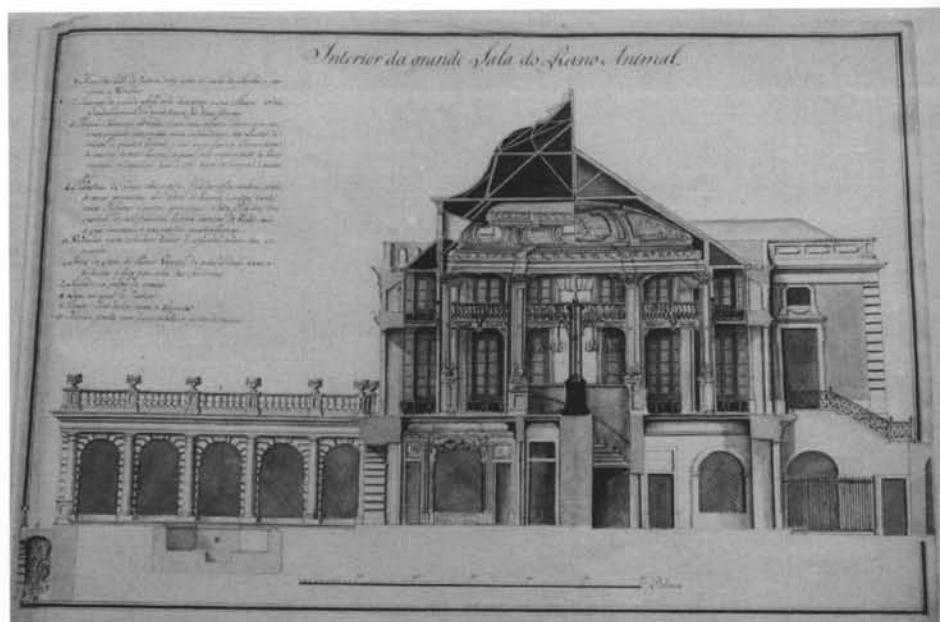


Fig. 9 – 1.^º Projecto: "7. Interior da Grande Sala do Reino Animal".

Destina-se, o primeiro pavimento térreo, à "creação" (galinhas, patos, perús, pombos e outros pássaros) e à arrecadação de apetrechos de limpeza, dando acesso por escada interior ao 2.º pavimento, onde se prevê a instalação do Gabinete de História Natural. Este gabinete é o núcleo de maior importância da construção; compreende três grandes secções, correspondentes aos três "Reinos Mineral, Animal e Vegetal". O pé direito comporta um varandim para colocação de uma segunda ordem de armários, cujo acesso se faz por escada de caracol, na extremidade Sul do octógono.

O tecto é apoiado em oito colunas oitavadas, revestidas de vidro com caixilho de aço; a iluminação obtém-se com oito lustres de cristal de quatro lumes e uma serpentina de oito lumes, com a particularidade de esta estar accionada "a uma simples máquina que desce e sobe para se limpar e acender" (fig. 9). Uma ampla varanda corre ao longo do segundo pavimento, sobre os braços do "U", alternando a decoração com alegretes de flores e assentos.

A fachada Norte para o jardim (fig. 6) tem o piso térreo com soco, correspondente ao primeiro socalco e panos entre arcadas, em aparelho rústico.

A escadaria dupla constitui o elemento central, acentuada por uma gruta rústica "com sátiro deitando água".

Os vãos do segundo pavimento são de moldura neoclássica, sobrepujados de lanternins ovais. A cúpula da sala octogonal, com paredes rectangulares, emerge da platibanda que corre todo o edifício.

Uma figura alada e pássaros decoram o cume da cúpula e a varanda da platibanda. As fachadas Sul e Nascente repetem a mesma modulação, ao nível do segundo pavimento, variando apenas no primeiro pavimento o revestimento – na fachada Sul, aparelho rústico, na fachada Nascente, caiação. Todas as fachadas de argamassa são pintadas de azul muito suave.

O segundo projecto consta de duas plantas e de três alçados (figs. 10 a 14).

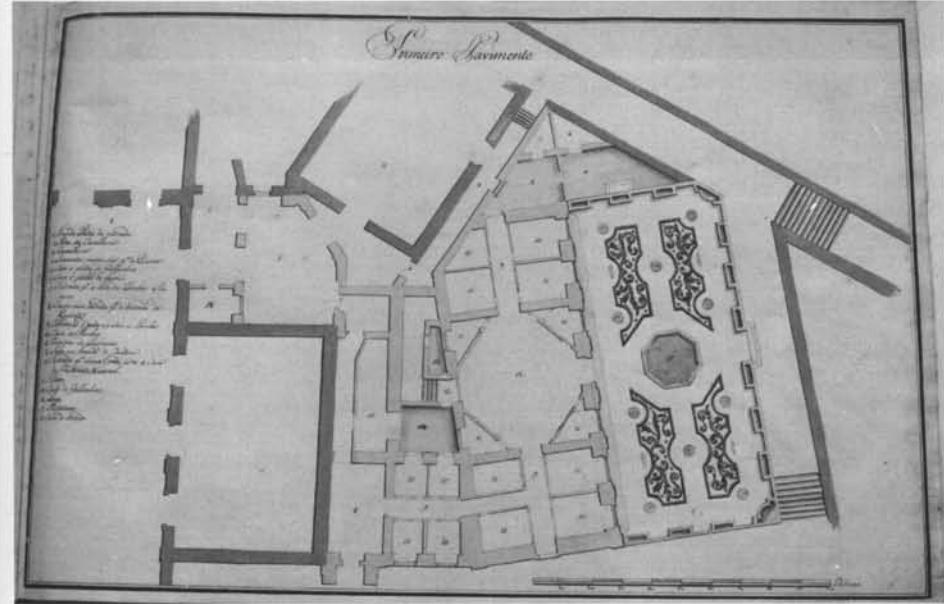


Fig. 10 – 2.º Projecto: "8. Primeiro pavimento".

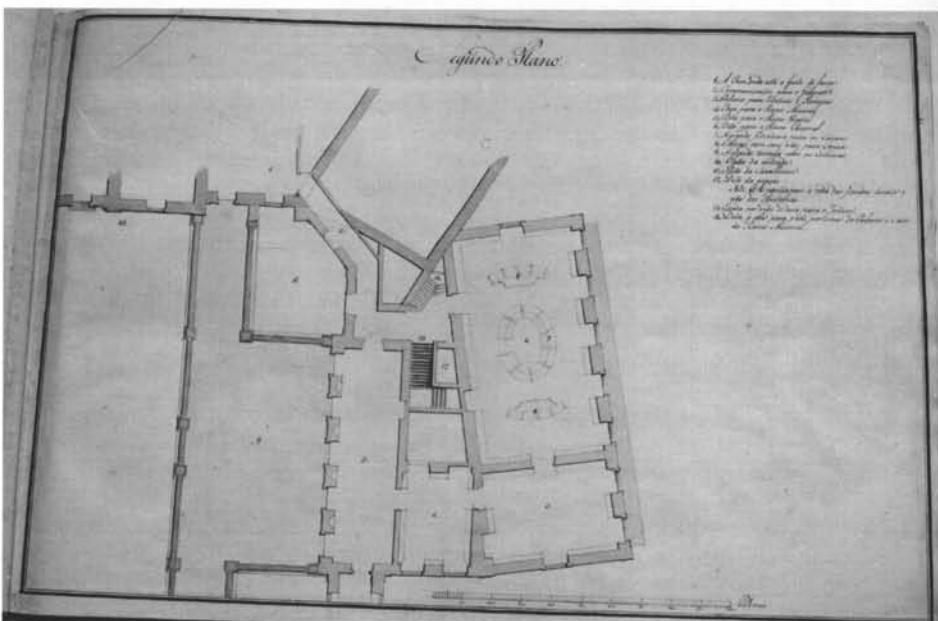


Fig. 11 – 2.º Projecto: “9. Segundo Plano”.

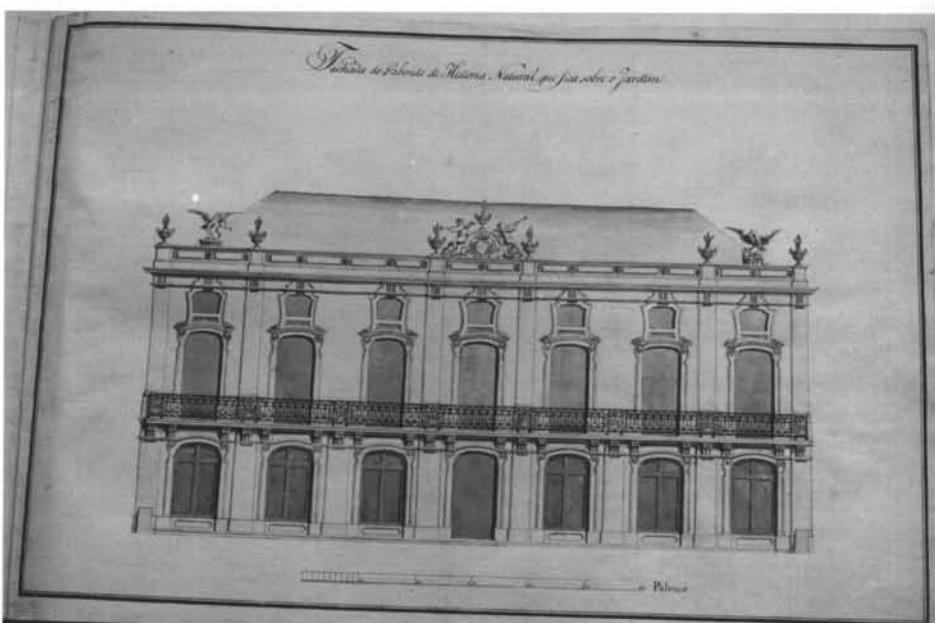


Fig. 12 – 2.º Projecto: “10. Fachada do Gabinete de História Natural”.

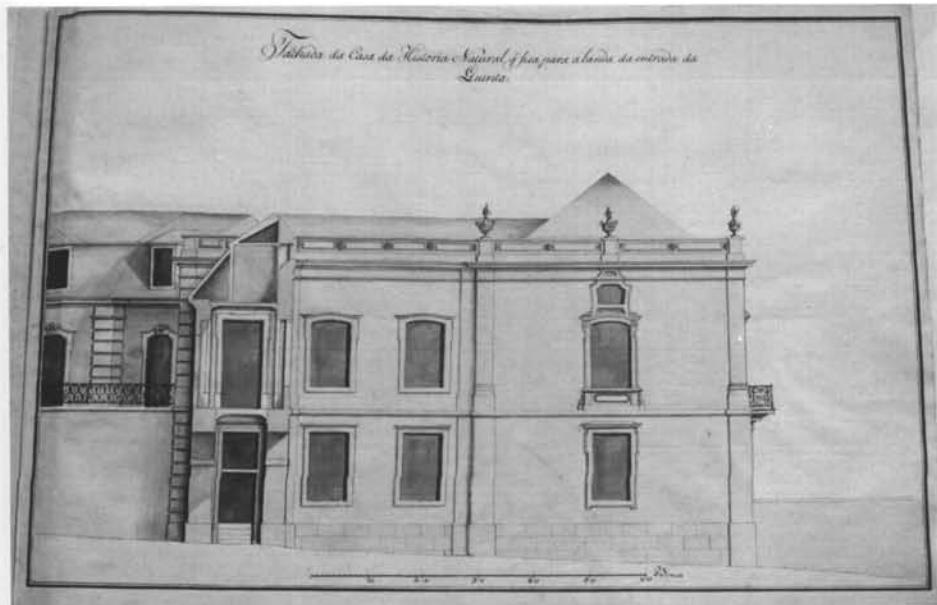


Fig. 13 – 2.º Projecto: "11. Fachada da Casa de História Natural".

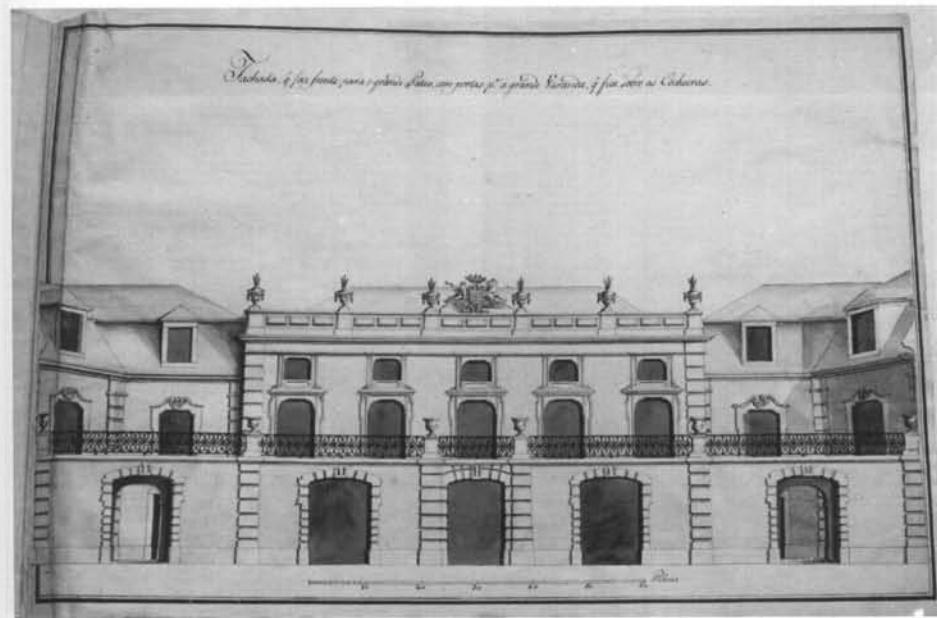


Fig. 14 – 2.º Projecto: "12. Fachada que faz frente para o Grande Pateo".

A planta do primeiro pavimento (fig. 10) demonstra claramente que esta opção seria mais modesta, simplificada, optando-se por um plano principal rectangular, com igual dimensão do jardim simétrico, em que se prolonga, mantendo o pequeno lago octogonal, a que se agregam outros com a mesma modulação mas de menores dimensões.

Tal como no primeiro projecto, neste pavimento ficaria a "creação". O pavimento superior destinava-se a Gabinete de História Natural, com "casas" para cada um dos "Reinos", expondo-se os objectos em armários e mesas. As fachadas mantêm a mesma modulação que o projecto anterior, sem aparelho rústico, apenas enobrecido com varanda corrida, escadaria ou estátuas, as que comunicam com o jardim ou com o terraço, sobre as cocheiras. Na platibanda seis ânforas, duas aves de rapina e elementos escultóricos centrais – as armas do Marquês coroadas³ e dois trombeteiros alados.

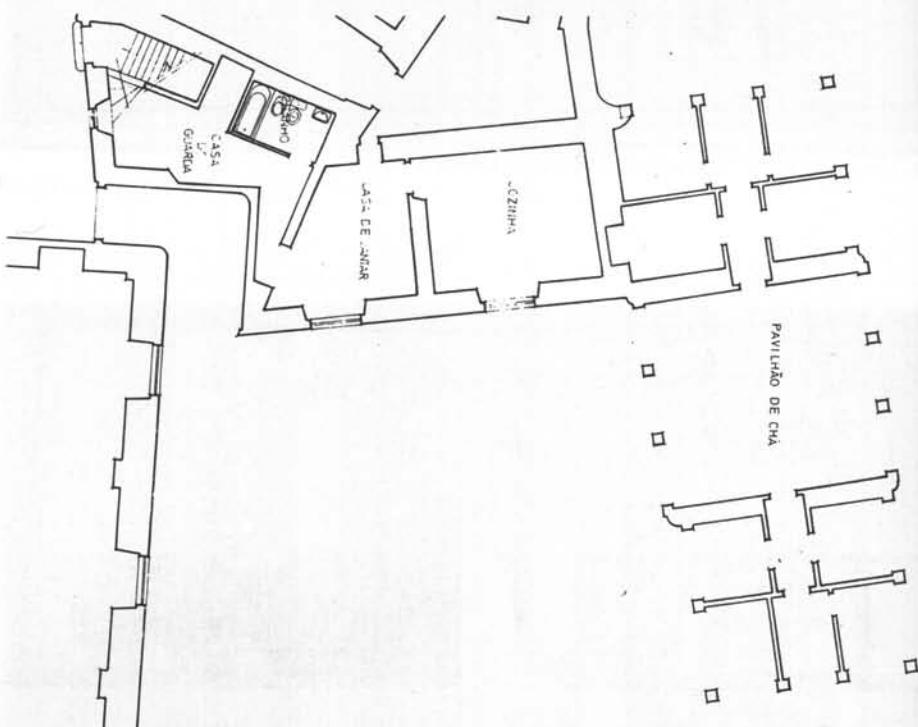


Fig. 15 – Planta do actual Restaurante do Monteiro-Mor. Reutilização de parte do edifício projectado para o Museu de História Natural do Marquês de Angeja.

³ "Angeja – brasão de armas: escudo esquartelado, no primeiro quartel as armas reais de Portugal; no segundo, as de Castela, mantelado de prata e dois leões de púrpura batalhantes com uma bordadura composta de oito e veiros de cor azul e assim os seus alternes" (Pinto, 1883).



Fig. 16 – Restaurante do Monteiro-Mor. Fachada poente.



Fig. 17 – Restaurante do Monteiro-Mor. Pormenores da cantaria.

Este segundo projecto foi escolhido para realização da obra; o facto de apenas ter sido construído o primeiro pavimento – hoje aproveitado como Restaurante do Monteiro-Mor, no Museu Nacional do Traje – leva-nos a supor que a obra estava em curso quando a vida do Marquês chegou a seu termo, em 1788.

Quer num, quer noutro projecto prevê-se apenas um criado que “tinha à sua conta o tratar da criação”, habitando em casa própria, junto ao gabinete.

A mudança da coleção, do Palácio da Junqueira para o do Lumiar, nunca se chegou a efectuar; um “Instrumento de venda, quitação e obrigação”, datado de 1845, autorizava a “Excelentíssima Inventariante para esta fazer venda do Mozeu (sic) como melhor entendence em bom proveito e utilidade do cazial e que o produto fosse depois repartido por addecionamento, sendo ouvidas as interessadas sobre a mesma venda e valor”⁴.

A 6 de Outubro de 1840, a viúva do 6.º Marquês de Angeja, D. Mariana de Castelo Branco, e as filhas e netas do 4.º Marquês de Angeja (D. Rita de Noronha, Marquesa de Alvito, D. Luísa de Noronha e a Marquesa de Chaves) venderam “por vinte e quatro contos e quatrocentos mil reis” aos marqueses do Faial (D. Domingos de Sousa e Holstein e D. Maria Luísa de Noronha Sampaio) o “Palácio e Quinta no princípio da Azinhaga da Fonte, freguesia de S. João Baptista do Lumiar, termo desta cidade que consta: o palácio de Casas nobres, Oficinas e Jardins e a Quinta de Arvores Silvestres, de Pevide e de caroço, pomar, vinha e chão para Horta, com seus Tanques de cantaria de diferentes dimensões, dois Poços um com engenho real muito arruinado e sem uso e outro à mourisca com diversas minas de água nativa, sendo toda a Quinta murada com roda de pedra e cal, com diferentes portas de serventia e tendo mistos uns pardieiros que em outro tempo serviam de celeiro e de picadeiro existindo hoje sómente algumas paredes e portais de cantaria”⁵.

Em 1901, Vilhena Barbosa (p. 26, 35) dá-nos a seguinte notícia acerca da degradação do Museu do Marquês de Angeja, no seu Palácio da Rua Direita da Junqueira: “Pertence actualmente à Senhora Condessa do Lavradio e conserva-se no mesmo palácio. Apesar de ter perdido, por deterioração, as suas colecções de aves, insectos e outras, ainda contém muitos objectos interessantes e raros. É o único Museu em Portugal que possui uma múmia do Egipto”.

Cumpriam-se, afinal, as previsões do Marquês de Pombal, quase cem anos antes, ao instituir o Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra, alargando, já então, o âmbito de recolha às colecções privadas: “E porque muitas pessoas particulares por gosto e curiosidade tem juntado muitas colecções deste género, que fechadas nos seus gabinetes provados não produzem utilidade alguma de Instrução pública; e ficam pela maior parte nas mãos de herdeiros destituídos do mesmo gosto, os quais não sómente as não sabem conservar, mas também as dissipam e destroem”⁶.

De tão valiosa colecção, chegou até nós a múmia egípcia e a respectiva máscara funerária; na segunda metade do século XIX, ela passou a integrar as colecções do duque de Palmela. Posteriormente, foi oferecida ao Museu

⁴ Arquivo particular, maço n.º 28, a) “Instrumento de venda, quitação e obrigação” (folha 41v).

⁵ *Idem* folha 41v.

⁶ Estatutos da Universidade de Coimbra: Curso Filosófico. p. 264.

Nacional de Arte Antiga, de onde transitou para o Museu Nacional de Arqueologia (Araújo, 1988, p. 304-305).

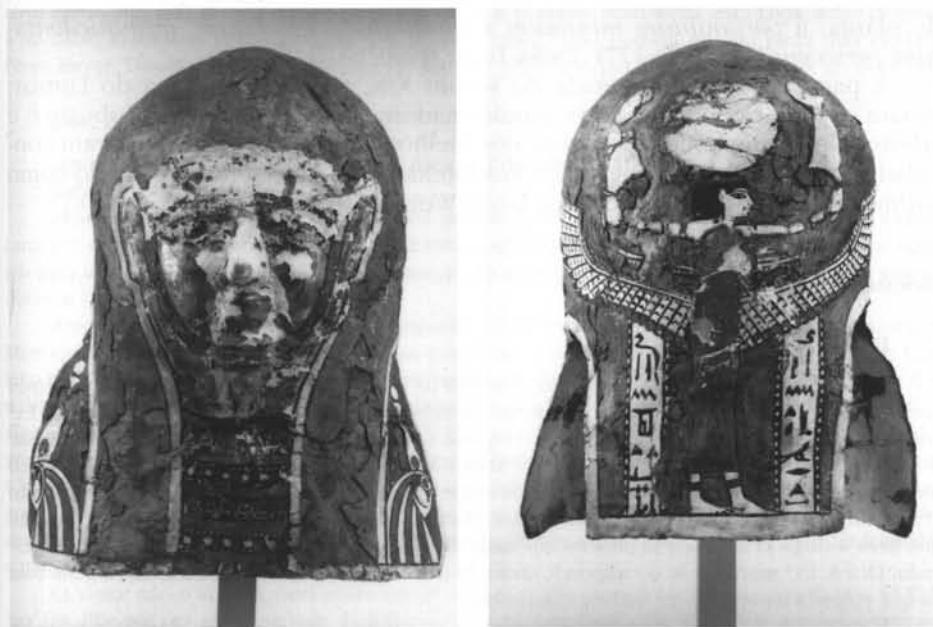


Fig. 18 – Máscara funerária. Período ptolemaico (sécs. IV-I a.C.). MNA, Inv. E423. Fotografia do Arquivo Nacional de Fotografia.

3. O jardim botânico do Lumiar

Não foi por mero capricho que o Marquês de Angeja escolheu, para implantação do seu novo Museu, a Quinta do Lumiar; excepcionais condições de ambiente tornavam propício um enclave de História Natural, com a proximidade do jardim botânico que com aquele iria confinar.

No ultimo quartel do século XVIII, o Jardim Angeja aparece mencionado na documentação coeva ao lado dos Jardins botânicos de Sua Majestade, na Ajuda, de que era director Domingos Vandelli, o de Gerard Devisme, a Benfica, o da Universidade de Coimbra e, no Porto, o de Francisco Bialy.

Citemos o lente de História Natural de Coimbra e director do Real Jardim Botânico da Ajuda, Domingos Vandelli (1788): “Quão grande seja a utilidade de um jardim botânico (além de ver juntas as plantas de todas as partes do mundo e do proveito que delas recebem a medicina, as artes, o comercio, etc.) para a Agricultura só o ignora aquele que não sabe quantas plantas de regiões remotas por meio dos jardins são hoje comuns e ordinárias na Europa e cujo número se vai cada dia aumentando de que é prova evidente França, Suécia, Alemanha, porquanto com o conhecimento adquirido nos mais célebres jardins têm os ingleses e franceses examinado e reconhecido a maior parte das plantas que

nascem nas suas conquistas da América e têm tirado imensa utilidade e cada vez poderão tirar maior lucro".

O contributo do Marquês para a promoção dos jardins botânicos teve o reconhecimento científico, em 1771, ao ser dado o seu nome a um novo género de planta, a *perianthium minimum subrotundum, coloratum, quinquedentatum, persistens* (Vandelli, 1771; Della Torre, 1900-1907).

A partir da segunda metade do século XIX, vendida a Quinta do Lumiar, seriam os duques de Palmela os impulsoradores do enriquecimento arbustivo e arbóreo do Jardim botânico. Alguns dos melhores botânicos de então foram convidados para o dirigir como o suíço Rosenfelder e o ilírio Welwitsch, tendo como jardiniers o alemão Otto e o suíço Jacob Weist (Viterbo, 1906; Lara, 1978).

Documentação

Doc. 1

"Por la mañana tenia cita para ir a ver el Museo de el Marques d'Angeisa. Havia-me procurado licencia para ello el P. Juan de Sousa Damasceno, y debi al Marquês que le dixese que queria S. Ex^a conocerme y que se iba el dia siguiente me esperar en casa asta las diez: fui en efecto à la hora; mandó-me S. Ex^a entrar me trató con la mayor atención. Preguntóme el motivo de mi venida, que tal me havia parecido Portugal y esta Corte. Dixome que tenia muchas noticias de mim: que havia visto el Salustio español de S.A. el Señor Don Gabriel: ofreciosse-me para quanto valiesse, llamó al sujetu que tiene à cargo el museo, y le previno que nada dexasse de enseármel de lo más precioso y reservado. Di à S. Ex^a gracias, y le correspondí, diciendo que si en España ocurriese à S. Ex^a alguna cosa en que yo pudiesse servirle me hallaria mui pronto.

El museo de medallas, si quitamos la colección de varones ilustres en que abunda, y entre los que hai muchissimas medalhas de oro y plata, y medallones, no és cosa particular. El de História natural és seguramente cosa mui grande. El ramo de minerales tien piezas, una de oro como lo crió el Autor de la Naturaleza de una libra y más, y otras menores. De plata hai especialmente un trozo que pesa veinte y quattro libras castellanas: cristal de roca en que hai una esmeralda: otro en que hay un zafiro y otros en que se ven outras piedras y raridades no solo preciosas por su estrañeza, sino por su valor. Conchas con perlas ya formadas y pegadas à ellas muchissimas y mui grandes: piedras assi de Portugal como de fuera, diaspros, verde antico, lapis lazulli, agathas mui diafanas: piedras medicinales, y outras sin numero. Petrificaciones de insectos, de maderas de hongos, de una hoja de col, que coge tanto ambito como una mediana campana etc. Mucho y mui selecto de ornitología y ichtyología (ó aves y peces), coquillages, insectos, armas de los Indios de madera. Instrumentos para cortar arboles y labrar los utensilios de las casas, sillas, mesas, arcas, telas larguissimas y de séis y siete palmos de ancho à manera de los papeles gruesos de la China, sin que se reconozca texido, urdimbre ni trama mui util y tan flexible como las muselinias lo que à mi me causava admiracion, porque me dixo el que nos ensiaba el museo, que el material de aquella tela eran cortezas (quiso decir fibras ó la camisa interior entre la corteza y el tronco que és por donde se comunica á los arboles el jugo) de ciertas plantas semejantes al Biblo o papiro de los Egipcios, y veemos que este papiro nó es flexible y solo permite rollarse, y si lo doblan se quebranta. Vi una Mumia Egypcia mui bien conservada despues talvez de algunos millares de años (quattro decia nuestro conductor à lo que yo ni contradixe, ni assentí) con muchas letras ó geroglyphicas Egypcias. Ninguno havia asta entonces visto tan bien conservado. Vi la calavera de un hombre que murió pocos años ha, asserrada por el cranio, el qual era de un dedo de grueso. Conociole tambien nuestro conductor, y dixo que fue un grandissimo borracho con quien algunas gentes de humor se entretenian diciendole rompe tal puerta ó ventana con una muchacha y lo hacia, y el premio era media azumbre de vino. Vi muchas otras cosas mui raras de que no hago memorias: copia de piezas de baxilla de cobre esmaltado y con unos dibujos exelentes con varias historias profanas e sagradas. Reparé que en todas estaba el año en que se hicieron; una tenia el de 1556, otra 1558, otras de

China mui preciosas. La primera pieza de este museo és libreria no grande pero selecta en punto de historias, nobiliarios, legislation, fúeros y costumbres de Portugal.

La segunda, pinturas en que las hai que me parecieron mui selectas, tampoco hai muchas. La tercera vaxilla, piezas de cobre esmaltado, barros, vasos de China, porcelanas. En la quarta, quinta y otros escondites está el todo museo de quinta da de si la Madre Naturaleza, esto Dios, Actor de ella, y no cabe, antes está todo embutido que no luce tanto como pudiera en una pieza más capaz". Perez Bayer, Director da Real Biblioteca de Madrid, 1782. (cit. por Vasconcelos, 1920, p. 152-154).

Doc. 2

"Ex.mo e R.mo Senhor Bispo de Beja/ Junq.ra 2 de 7.bro de 1782/

Ex^o e R.mo Snr.

Meu Prelado e m.to meu Snr. Não fui à presença de/ V^a Ex^a depois que recebi a sua ultima carta por esperar esta ocazião/ e remeter lhe esta pequena obra. Estou summam.te disgostozo/ com ella pela insuficiencia da Letra e falta de correcção. Porem/ V.Ex^a sabera pela grandeza do seu animo disfarçar os meus defeitos./

Ainda me conservo neste sitio da Junqueira, onde aca/bei os Diarios dos tres Embaixadores Marroquinos, que para/ esta Corte vieiro os quaes devo entregar ao Marquez de Angeja/ que tem feito toda a diligência para os alcançar, o que brevem.te /farei. Elle me convidou para lá hir hum dia e dar-lhe volta às/ suas Medalhas Arábicas e outras raridades do seu Gabinete;/ Se entre ellas achar alguma couza de utilidade o participarei/ a V.Ex^a como também da primeira jornada e estada do prim^o/ Embaixador de Marrocos nesta Corte, que prizentem.te estou/ pondo em limpo para remeter a V.Ex^a. Os Diarios do 2º e 3º / Embaixador será quando tiver tempo; porq. no fim deste mez se/ me acaba a licença e no convento pouco tempo me resta com/ os exercicios dos actos da comunid.de dentro e fora della;/ Como porem não perco instante de tempo, Deos me ajudara / para hir fazendo o que poder./

O Victor não o vi mais, nem apare/ceo p^a acabar de lhe entregar o resto da esmola que V^a Ex^a lhe/ fez. Elle por ora anda servindo de Interpretê aos Mouros nas/ suas compras e vendas; verem se aparece ou neste sitio ou em/ Lisboa e do que houver darei parte a V. Ex^a a quem rogo me/ ponha na presença do N.R.mo he Diff.or G.al e que me lance a sua/ benção.O ceo g.de e prospere à pessoa de V.Ex^a/ De V.Ex^a/Subdito m.to att^o e obr.mo / Fr. João de Souza//⁷.

Doc. 3

"Ill.^o e Ex.^o Senhor

Grandes e sublimes génios têm havido, que apezar dos mais custosos obstáculos que sempre lhes opoz a errada preocupação, trabalharam sucessiva e incansavelmente por illuminar os homens no sólido conhecimento das sciências naturaes. A Chymica e a Historia da Natureza presentemente tão prezadas e promovidas na Europa pôde ser se achassem ainda hoje neste Paiz infelizmente escruidas, se o bom gosto e grandes luzes de Vossa Excelênciā não as acolhesse e animasse. Todos sabem que nestes Reinos foi Vossa Excelênciā o primeiro, que fez plantar Jardim Botânico e que estabeleceu hum rico Muzeo, por ajudar a industria dos seus Compatriotas e excitallos a cultivar huma Faculdade, que tanto conhece poder fazer florecer a Medicina, a Agricultura, o Comercio e as Manufacturas neste Estado; motivos bem legítimos porque a ninguém com maior propriedade do que Vossa Excelênciā se devia offerecer esta pequena Analyse das agoas mineraes, vulgarmente chamadas Caldas da Raynha nunca até agora exactamente analysadas. Oferecendo pois a Vossa Excelênciā este primeiro fructo de meus estudos, eu não tomarei a liberdade de exprimir toda a admiração que tenho dos raros talentos, da nobreza de alma e das singulares qualidades de Vossa Excelênciā tão iguais às de seus ilustres Maiores, como também do amor da Pátria e dos conhecimentos literários, que fazem o espirito de Vossa Excelênciā tão brilhante como o seu coração he bom e virtuoso". (Pessoa, 1778).

⁷ Arquivo Distrital de Evora. Códice CXVIII/1-4, doc. 34, fl. 51.

Doc. 4

"O Senhor Doutor Vandelli me encarregou de huma memória cujo sujeito fossem as mencionadas matérias.

... Do methodo de preparar e dispor nos Muzeos os objectos do Reyno Animal.

Por Muzeo deve entender-se as colleçõens dos produtos dos/ trez Reynos da Natureza preparadas e ordenadas pelo metho/do que dissemos. O edificio pois para guarda destes produtos/ deve ser de pedra e cal, os pavimentos de lages os tectos de abo/boda e caças espaçosas, que tenhão porem mais comprimento/ que largura, as janellas as quaes devem ser muitas hão-de/ olhar para o Norte da maneira que ficando as sallas bastan/temente claras não estejam sujeitas demaziado ao ardor do Sol./ Este o edificio próprio para Muzeo/....". (Vidigal, s.d.).

Doc. 5⁸

1v. Lugar do Palácio/ O grande Pateo de entrada do Palácio/ Pateo da Cavallariça/ Cavallariça/ A grande terraça/ Vão destinado p^a Caza de História Natural e caças de Passaros,Pombos, e Jardim/ Ruas da Quinta//

2. Primeiro Plano/

1. O grande Pateo da entrada do Palácio/
2. Pateo da Cavallerice/
3. Cavallerice/
4. Serventia particular para a Quinta e/ para as Casas dos Animaes/
5. Casa para o criado q tem à sua conta o/ tratar da creaçāo/
6. Casa p^a as vassouras e mais petrechos de/ limpeza/
7. Caza para galinhas ordinárias/
8. Vão da escada p^ase ir passear às varan/das por sima das casas dos Pombos e/ fica servindo de casa para Perus/

9. Caza com seu Pateo para Patos e seu/ lago/
10. Entrada para as Casas dos Pombos e/ dos Passaros/
11. Entrada para o Pateo das Galinhas/ de Curiosidade/
12. Casas de Várias Gallinhas/
13. Casa de variedade de Patos/
14. Entrada para o Corredor/
15. Casas de Pombos/
16. Casas de Passaros/
17. Casa de mantimentos p^a os ditos ani/maes/
18. Sala de entrada do Jardim/
19. Escada para o Gabinete de História/ Natural/
20. Lago do Jardim/
21. Escada para a Quinta/

2v. (página em branco)3. Plano do seg.^o Pavimento/

1. O grande Pateo/
2. O Pateo da cavallerice/
3. Entrada para a Quinta/
4. A grande sala das visitas/
5. A segunda casa/
6. A casa onde está a fonte de Louça/
7. Corredor para o Gabinete de História/ Natural/

⁸ Sem título.

8. Para se sair à varanda e entrar no/ Gabinete/
9. Para se entrar logo na Casa do Reino/ Mineral a qual Casa he nº10/
11. Grande sala do Reino Animal/
12. Patim para descer para o Jardim/
13. A grande ferradura de cavalo para a/ Coquilhagem/
14. Pilastra/
15. Escada de caracol p^a subir para a Varanda/ de segunda ordem de Armários q./ leva a dita Casa/
16. Outra escada q.dá a mesma serventia/ continuando até à varanda à roda do/ dito edificio/
17. Varandas sobre as Casas dos Pombos/
18. Alegretes para flores e assentos/
- 19.V aranda sobre as cocheiras/

4. Fachada para o Jardim que fica da parte da Quinta//

5. Fachada da parte da entrada para a Quinta//

6. Fachada da parte do Pateo da entrada, com escadas q. descem para a grande Varanda por sima das Cocheiras que/ estão cortadas//

7. Interior da grande Sala do Reino Animal

1. Hum dos lados do Jardim onde estão as casas dos Pombos e por cima a varanda/
2. Interior da grande Sala onde se mostra a sua Altura.O Teto/ e madeiramento se demonstram por duas formas
3. Huma columna oitavada e nos seus oitavos vidros com aço/ e nos angulos oito varões para suspenderem oito lustres de/ cristal de quatro lumes e em cima huma serpentina/ de cristal de oito lumes a qual pelo movimento de hua / simples máquina desce e sobe para se limpar e acen/der/
4. Pilastras de ordem composta, ficando o seu centro servin/do como armários com vidros de huma e outra parte/ para Passaros e outros animaes. Cada pilastra tem / em cima do seu pedestal huma caveira de viado com/ a sua armação e nas pontas quatro lumes/
5. Varanda para se andar vendo a segunda ordem dos ar/mários/
6. Porta da sala do Reino Vegetal da qual se desce para a/ varanda q. fica por sima das Cocheiras/
7. Ligado no Páteo da creaçao/
8. Lago no meio do Jardim/
9. Escada para descer para a Quinta/
10. Huma gruta com hum Satyro deitando água/

8. Primeiro Pavimento

1. Grande Páteo da entrada/
2. Páteo da Cavallerice/
3. Cavallerice/
4. Serventia particular p^a a Quinta/
5. Casa e Páteo de galinhas/
6. Casa e Páteo de Perus/
7. Entrada p^a a Casa de Pombos e Pas/saros/
8. Casa com saída p^a a entrada da/ Quinta/
9. Corredores d'onde se vêm os Pombos/
10. Casa de Pombos/
11. Viveiros de Passaros/
12. Sala na frente do Jardim/
13. Entrada p^a sima onde está a Casa/ de História Natural/
14. Páteos/
15. Casa de Gallinhas/
16. Lago/
17. Estátuas/
18. Casa do criado/

9. Segundo Plano/

1. A casa onde está a fonte de louça/
 2. Comunicação para o Gabinete/
 3. Galeria para Estátuas e Pinturas/
 4. Casa para o Reino Mineral/
 5. Dito para o Reino Vegetal/
 6. Dito para o Reino Animal/
 7. A grande ferradura para as Conxas/
 8. Mezas com seus vãos para conxas/
 9. A grande terrassa sobre as cocheiras/
 10. Pateo da entrada/
 11. Dita da Cavallerice/
 12. Dito da creaçao/
- N. B. A ponteagem à roda das paredes denota/ o vão dos Armáreos/
13. Escada para onde se desce para o Jardim/
 14. Dito q.sobe para o vão por sima da Galeria e Casa/ do Reino Mineral/
10. Fachada do Gabinete de História Natural que fica sobre o Jardim/
 11. Fachada da Casa de História Natural q. fica para a banda da entrada da /Quinta//
 12. Fachada q. faz frente para o Grande Pateo com portas p^a a grande Varanda q. fica sobre as Cocheiras//.⁹

Bibliografia

ALMAÇA, C. (1985) – *Museus de Zoologia e Investigação Científica*. Lisboa: A.P.O.M.

Almanach de Lisboa. Lisboa: Academia Real das Ciências. 1787 a 1820.

ARAÚJO, I. A. de (1962) – *Arte Paisagística e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa.

ARAÚJO, L. M. (1988) – As múmias de Eça. In *Eça e os Maias: cem anos depois: Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos*. Porto, 1988.

ARAÚJO, L. M. (1993) – *Antiguidades Egípcias*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo.

BARBOSA, I. de V. (1862) – Jardim botânico da Ajuda. *Archivo Pitoresco*. Lisboa. t. 5, 28.

BARBOSA, I. de V. (1901) – Museus creados em Portugal até ao fim do século XVIII. *Boletim de Arquitectura e Archeologia da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. S. 4, 9, p. 26, 35.

BAZIN, G. (1967) – *Le temp des musées*. Paris.

BEIRÃO, C. (1944) – *D. Maria I*. Lisboa.

CANELHAS, M. da G. S. (1983) – *Museus portugueses de História Natural: perspectiva histórica*. Lisboa.

CARVALHO, R. (1993) – *O material didáctico dos séculos XVIII e XIX do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa.

COSTA, A. A. de O. M. (1949) – *Mestres italianos em Portugal: o início vestigiário dos museus portugueses de história natural*. Lisboa.

⁹ Arquivo particular.

- CRUZ, L. (1976) – *Domingos Vandelli: alguns aspectos da sua actividade em Coimbra*. Coimbra.
- DALLA TORRE (1900-1907) – *Genera siphonogamarum*. Lipsiae.
- Estatutos da Universidade de Coimbra: Curso Filosófico*. Coimbra. 1772. Livro III. Parte III.
- FRANCO, M. P. F. S. (1983) – *Riscos das obras da Universidade de Coimbra*. Coimbra.
- GIL, F. B. (1987) – *Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa: passado, presente, perspectivas futuras*. Lisboa.
- GIL, F. B. (1993) – Museus de Ciência e Técnica. In *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- GUEDES, N. C. (1988) – Museu Nacional do Traje: elementos para a história da sua organização, 1969-1979. In *I Encontro das Comissões Nacionais portuguesa e espanhola*. Vila Viçosa, 1988.
- HENRIQUES, J. (1876) – O jardim botânico de Coimbra. *O Instituto*. Coimbra. 23.
- LAMAS, A. da C. (1922) – *A Rua da Junqueira*. Lisboa.
- LARA, L. F. A. S. (1978) – *Parque do Monteiro Mor*. Lisboa.
- LUCENA, A. de (1947) – As Quintas dos arredores. *Panorama*. Lisboa. Ano 5, n.º 32 e 33.
- MACHADO, C. W. (1823) – *Collecção de memórias*. Lisboa: A.N.B.A. t. 5-8.
- MOREIRA, I. M. M. (1989) – *Museus e Monumentos em Portugal: 1772-1974*. Lisboa.
- OLIVEIRA, E. V. de (1991) – *Apontamentos sobre museologia: museus etnológicos*. Lisboa.
- PERES, M. do C. R. (1948) – Investigação sobre o Museu de História Natural de Belém. In *I Congresso Luso-Espanhol de Farmácia*. Madrid, 1948.
- PESSOA, J. M. da C. (1778) – *Analyse das aguas thermaes das Caldas da Raymba, offerecida ao IIIº e Exº Senhor D. Pedro Joze de Noronha e Camoens Marquez e Senhor das Villas de Angeja*. Coimbra.
- PINTO, A. da S. (1883) – *Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal*. Lisboa.
- RIBEIRO, J. S. (1872-1874) – *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal*. Lisboa.
- SEQUEIRA, E. (1887) – *Guia do naturalista, colecionador, preparador e conservador*. Porto.
- SERRÃO, J. V. (1982) – *História de Portugal*. Lisboa: vol. 6.
- TEIXEIRA, A. J. (1890) – Como se fez o Jardim botânico e o mais que sucedeu. *O Instituto*. Coimbra. 37.
- TEIXEIRA, C. (1982) – O Museu Nacional de História Natural. In *Museus Universitários*. Lisboa: APOM.
- TEIXEIRA, M. B. (1985) – Os primeiros museus criados em Portugal. *Bibliotecas, Arquivos e Museus*. Lisboa: I. P. P. C.
- TEIXEIRA, M. B. (1994) – Angeja-Palmela. Palácio. In *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa.
- VANDELLI, D. (1771) – *Hortus Olisiponensis exhibens / Plantas exóticas / Horti Regii / Specimenque / Historia Naturalis / Lusitanie/ Cum novis generibus et speciebus* / 1771. B.N. Ms. Cod. 3750.
- VANDELLI, D. (1780-1788) – *Florae et Faunae Lusitaniae Specimen*. Lisboa.
- VANDELLI, D. (1788) – *Dicionário de termos técnicos de História Natural*. Coimbra.
- VANDELLI, D. (1788b) – *Memoria sobre a utilidade dos jardins botânicos*. Coimbra.
- VASCONCELOS, J. L. de (1908) – A jardinagem em Portugal. *O Instituto*. Coimbra. 1.

- VASCONCELOS, J. L. de (1920) – Da Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1782. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 24, p. 108-176.
- VASCONCELOS, J. L. de (1923) – Da numismática em Portugal. *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Lisboa. p. 9.
- VASCONCELOS, J. L. de (1896) – *Discurso de inauguração do Museu de Cenáculo em Beja em 1791*. Lisboa.
- VIDIGAL, A. J. M. (s.d.) – *Methodo de fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da História Natural com os meios de preparar, conservar e dispor nos muzeos os diversos productos da natureza*. Parte 2.^a Capítulo 2.^o, p. 7.
- VITERBO, S. (1906) – A jardinagem em Portugal. *O Instituto*. Coimbra. P. 53 e 54.